

Socializando o prejuízo

A crise econômica mundial e algumas medidas adotadas em diversos países para se sair dela, estão pondo em xeque os pilares do capitalismo. Canalizar o dinheiro público para salvar instituições financeiras privadas, são, segundo os socialistas de plantão, medidas com perfil estatizante, que denotam o fracasso do capitalismo e mexe diretamente na sua essência: o livre mercado. Além disso, duas potências mundiais, o Estados Unidos e a Inglaterra, por exemplo, já amargam a experiência de que a ação de intervir no setor bancário, injetando nos mesmos dinheiro público para garantir empregos e salvar empresas, não surte o efeito necessário para espantar a crise, nem mesmo nos seus ambientes domésticos. Isso denota claramente que as investidas atuais para debelar a crise precisam mudar de rumo.

As respostas que a injeção de dinheiro público nas instituições financeiras privadas e nas grandes empresas, não são as melhores, muito menos as esperadas pelos governos. A questão parece ser simples: a lógica da iniciativa privada é o lucro e canalização dos recursos para o seu próprio quintal, ou seja, o capital canaliza recursos para o capital. Isso nos leva ainda a outras conclusões: eleger este tipo de instituição para fazer a distribuição do capital é um paradoxo – para não se dizer coisa pior - e é tão inútil quanto querer esvaziar um oceano com um conta gotas.

Com este tipo de medida a crise vai transbordar. Tomemos o exemplo da AIG. O que fizeram os principais executivos da seguradora americana? Canalizaram os recursos públicos que deveria garantir solidez a instituição e, em última instância, gerar e garantir empregos, para seus próprios bolsos e transformaram a ajuda do governo em bônus pagos a seus próprios funcionários. Mas, apesar de parecer uma afronta, a lógica está correta, o capitalista investe nos seus semelhantes, nos seus iguais, assim, a distribuição acontece, mas não foge aos limites do próprio capital, não trilha outros rumos. Distribuir dinheiro ao capitalista e esperar benefícios sociais é um equívoco atroz. O progresso gerado pelo capitalismo não ocorre através das virtudes do capitalista, mas por intermédio da sua necessidade. O capital quer fazer novos capitais e não distribuir benefícios. O benefício que decorre desta ação é apenas um sintoma, uma espécie de contra-indicação as avessas. E só isso.

É o interesse – sem nenhuma carga pejorativa - a mola propulsora da iniciativa privada e os benefícios que podem decorrer de suas ações são indiretos e mera consequência que, em muitos casos, sequer foram planejados. Mesmo as ações sociais bancadas pelo capital tem na sua essência a garantia de mercado e o aumento das vendas, para não se dizer que visam os descontos do Imposto de Renda. Mas o capital parece mesmo mostrar sua face mais desastrosa quando apresenta seus prejuízos para ser socializado com a sociedade e, ao deixar claro que o inverso, ou seja, os lucros serão normalmente canalizados para os bolsos privados. Está lançada a pergunta central: por que apostar em iniciativas que socializam os

prejuízos e privatizam os lucros? Não seria mais interessante investir nos verdadeiros mecanismos de distribuição de renda, incrementando os principais programas sociais?

Sérgio P. Mendes, Filósofo

Contato: autor@sucatinhas.com.br

POA – RS.